

NOVO MERCADO

Arte indígena amazônica na terra da realeza

PARTE DA CULTURA INDÍGENA BRASILEIRA ESTÁ À MOSTRA NO MUSEU BRITÂNICO DE BLOOMSBURY ST. E REPRESENTA RESGATE DA CULTURA NATIVA

IVÂNIA VIEIRA
 ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Ingleses e turistas em visita a Londres, Inglaterra, estão tendo a oportunidade de conhecer produtos do artesanato indígena do Amazonas. Mais de mil peças produzidas pelos índios ticuna, baniwa, sateré-mawé (tais como cestarias, anéis, colares, bolsas, esculturas e quadros), encontram-se em exposição no British Museum Company, em Bloomsbury St. A mostra é uma entre várias ações que as organizações indígenas da Amazônia desenvolvem dentro de um amplo projeto para garantir a sustentabilidade econômica desses povos e promover o resgate da diversidade cultural que representam.

O que os ingleses estão vendo está à disposição dos que vivem em Manaus ou visitam a cidade, no Centro de Produção e Cultura Indígena Yakinô, na rua Bernardo Ramos, 60, Centro, onde um acervo de aproximadamente 5 mil peças sintetizam a vasta produção artesanal dos índios amazônicos. O Yakinô (na língua Hixcariana significa mutirão), está instalado em Manaus há pouco mais de dois anos e deverá ser transformado,

em breve, em fundação, modelo que permitirá à Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), ao qual está vinculado, ampliar as formas de atuação e as fontes de recursos financeiros necessários à manutenção do espaço.

Ismael Pedrosa Moreira, 38, responsável pela área cultural do Centro Yakinô, diz que a construção de um núcleo de referência da produção artesanal indígena em Manaus vem sendo discutida há bastante tempo como um dos caminhos para melhorar a qualidade de vida nas aldeias. "Várias das comunidades que produzem essas peças estavam sendo envolvidas pelos atravessadores que, quase sempre compravam os produtos por um preço muito baixo para, depois, na cidade, vender três/cinco vezes mais alto". O processo de articulação entre diferentes povos e, nele, a compreensão de que essa arte deve não apenas gerar dinheiro às organizações produtoras, mas sobretudo retomar, por parte dos mais jovens, valores culturais nela impressos é a grande tarefa que o Yakinô deverá realizar, diz Ismael.

ARTE ESQUECIDA

Para Ismael Moreira, um índio tariano dedicado a estudar a simbologia de desenhos indígenas, o desafio imposto às comunidades é o de não produzir tendo como objetivo único vender. "Pelo contrário, devemos fazer também para usar em nossas casas, como algo bonito e com significado singular, na medida em que vamos reaprendendo a ler cada traço colocado num cesto de arumã,

cada desenho, o porquê de uns serem tão fechados e outros com muitos espaços abertos", cita. Ismael tem dois trabalhos publicados, em Manaus, um com apoio financeiro da Secretaria Estadual de Cultura (SEC), sobre a mitologia tariana. Seu interesse pelo tema motivou a Coiab a lhe entregar tarefa de organizar a parte cultural do Yakinô.

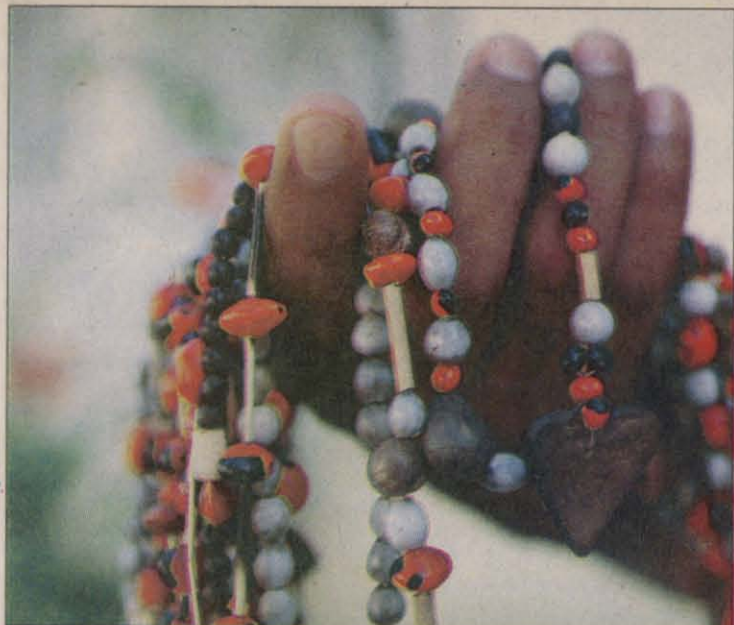
Há algum tempo o jovem pesquisa o uso da fibra de arumã pelos baniwas, da região do Alto Rio Negro, e os ticunas, do Alto Solimões, na confecção de peças como peneiras, balaços, tipiti, vasos, porta-plantas e outros tantos pequenos objetos. Ismael diz que identificou cinco espécies de árvores arumã e mais de 200 diferentes desenhos. "São milhares e cada um representando rituais, plantas, peixes, aves", enumera.

"A cestaria é um dos segmentos que nos revela dados fantásticos sobre a concepção dessas peças, brilhantes, opacos, com ou sem desenhos, com ou sem tampa, mais fechados ou mais abertos", diz Ismael acrescentando que tais diferenças, ignoradas pelo mundo branco que costuma generalizar como "artesanato indígena", são enormes e têm a ver com a cultura de cada povo. "Somos índios, mas entre os povos indígenas existem diferenças de língua, de forma de organização e isso não pode ser ignorado".

Para Ismael Tariano, a futura Fundação Yakinô vai contribuir para reafirmar tais diferenças e trabalhá-las como elementos de riqueza da diversidade cultural, aliando-os a projetos de sustentabilidade econômica.



TARIANO Ismael Moreira vive na expectativa da construção de um núcleo de referência artesanal



ENFEITE Os colares fazem parte da arte milenar dos povos indígenas

Reaprendendo os rituais

No Centro Yakinô, jovens indígenas que estão em Manaus ou próximo à cidade, como os ticunas, saterés, dessanas, organizam seus grupos de dança e, periodicamente, reúnem-se, para reaprender danças típicas quase esquecidas por eles, retomar o uso de instrumentos musicais e treinar apresentações que costumam fazer nos diferentes encontros nos quais os povos indígenas estão participando. De acordo com Ismael Tariano qualquer comunidade pode solicitar a apresentação de grupos de estudantes indígenas por meio do Yakinô (veja quadro).

A abertura de um espaço onde

os jovens indígenas podem dançar, cantar, conversar, criar tem se revelado altamente positiva para os índios que moram na cidade. "É uma proposta nova, muita coisa tem que ser melhorada, mas existe uma certeza de que já não estamos tão sozinhos e de que não ficaremos calados, guardando nossa cultura até que ela desapareça", dizem Ismael e Rafael Aderci, ticuna, um dos responsáveis pelo Centro Yakinô. De acordo com eles, há um ânimo novo entre esses jovens no sentido de promover a arte indígena e vários talentos na dança, no canto, na representação começam a ser descobertos.

PARA CONHECER MAIS

* O Centro Yakinô está instalado na rua Bernardo Ramos, 60, Centro, Manaus
 * Funciona de segunda à sexta-feiras, de 8h30 às 17h
 * No centro é possível obter informações sobre a produção cultural indígena e fazer compras
 * Telefone (92) 622.9124/637.6703

Fonte: Coordenação do Centro de Produção e Cultura Indígena Yakinô

NOVA RELAÇÃO

Delicado ato de tecer

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) pretende realizar, no final de março, uma grande exposição da

produção cultural indígena por meio do Centro Yakinô. A idéia, de acordo com Ismael Pedrosa Moreira, é difundir em Manaus, o trabalho que vem sendo

desenvolvido pelas organizações indígenas na área cultural e estimular os habitantes da cidade a conhecer e/ou ampliar conhecimentos nessa área. Será também uma oportunidade de "vender" objetos hoje mais procurados por turistas estrangeiros, paulistas e cariocas. "Nossa participação em feiras e mostras culturais tem revelado que há interesse por parte das pessoas daqui nessa área, como o centro ainda é

desconhecido pela maioria da população, a exposição vai funcionar como instrumento de aproximação, descoberta e local de referência", prevê Ismael. Na teia que transforma a fibra do arumã em cestaria com belos exemplares, uma outra história vem sendo tecida, com avanços e recuos, instituindo um olhar de maior alcance, desafiador na medida em que se realiza entre o mercado e a proposta de resgatar valores culturais.



TICUNA Rafael Costa mostra algumas peças montadas pelas mãos do povo dele. Os cestos são bem aceitos no mercado de artesanatos